

---

## O PRAZER-SOFRIMENTO PSÍQUICO NO TRABALHO E A PERSPECTIVA DE CHRISTOPHE DEJOURS

THE PLEASURE-PSYCHIC SUFFERING AT WORK AND THE PERSPECTIVE OF CHRISTOPHE DEJOURS

*Larissa Aragão de Freitas de Oliveira<sup>1</sup>*

---

**RESUMO:** O presente trabalho teve como objetivo refletir acerca do processo de prazer-sofrimento psíquico no trabalho, com base na contribuição de Christophe Dejours, principal estudioso das consequências decorrentes do trabalho como desencadeadoras de sofrimento psíquico do trabalhador e propositor dos estudos sobre as estratégias defensivas criadas e fundamentadas na busca pelo prazer na instituição. Esse estudo se propõe a entender a relação entre esses dois lados distintos no processo do trabalho, o prazer e o sofrimento, abordando alguns teóricos para dialogar com as perspectivas do autor principal da teoria da psicodinâmica do trabalho.

**Palavras-chave:** Sofrimento psíquico; trabalho; psicodinâmica.

**ABSTRACT:** The present work had as an objective to reflect on the process of psychic pleasure-suffering on work, based on the contribution of Christophe Dejours, the main person that had studied the consequences resulting from the work as triggers of the psychic suffering of the worker and the person that had proposed studies about defensives strategies created, that are reasons on search for pleasure on institution. This study was made to understand the relationship between both distinctive sides on the process of work, the pleasure and the suffering, broaching some theories to dialog with perspective from the main author of the theory of psychodynamic of work.

**Keywords:** Psychic suffering; work; psychodynamic.

### 1. INTRODUÇÃO

O momento atual parece fixar uma tendência a banir o tema sofrimento psíquico dentro das organizações de trabalho, entretanto, dar visibilidade a esse sofrimento nesse contexto é entender uma das grandes consequências da insistida vivência do sujeito em um ambiente que não lhe é favorável.

A vivência do sujeito dentro das organizações de trabalho nunca foi fácil, a associação do trabalho com a divindade, a escravidão, com o caráter humilhante e degradante contribuiu para confundir pensamentos dos sujeitos sobre a função, a estrutura e a organização do trabalho que era desempenhado por ele, repercutindo para um processo de esquecimento de identidade e provocando um crescimento de patologias vinculadas ao exercício de função.

---

<sup>1</sup> Faculdade Pio Décimo. [lari.aragao22@gmail.com](mailto:lari.aragao22@gmail.com)

Foi diante a esse crescimento de patologias no ambiente de trabalho que surgiu o estudo da psicodinâmica do trabalho, desenvolvida pelo psicanalista psicossomático Christophe Dejours. Essa abordagem propôs-se a estudar muito mais que as patologias que assolam os trabalhadores e se aprofundou a tentar explicar quais eram as estratégias que o trabalhador poderia usar para construir uma relação de substituição do sofrimento psíquico pelo prazer no trabalho.

As relações dinâmicas entre a organização do trabalho e o processo subjetivo de cada um dos trabalhadores caracterizou o foco dos seus estudos, proporcionando a partir desta proposta a escuta sobre a fala do trabalhador, dando visibilidade às situações de trabalho e às vivências dos trabalhadores no seu dia a dia.

Dejours e Molinier (2011); Mendes e Araújo (2012) ratificam a discussão acima quando pontuam que a psicodinâmica do trabalho busca a emancipação do sujeito, almejando a ressignificação do sofrimento e a transformação da organização do trabalho em fonte de prazer e principalmente de saúde.

## **2. AS MUDANÇAS DO TRABALHO E SUA REPERCUSSÃO NO TRABALHADOR**

O trabalho passou por grandes transformações ao longo do tempo, que o fez assumir diferentes concepções. Muitas culturas entendiam o trabalho como algo divino, sagrado e destinado aos únicos sujeitos que fossem pré-determinados a esta ação. Já em outros contextos culturais o trabalho era considerado como atividade menor, de pouca relevância à vida.

Na antiguidade, os autores Anthony (1997) e Hopenhayn (2001) resgatam as divergentes opiniões de Platão e Aristóteles sobre o assunto e explanam que para Platão o homem tinha que ser poupado do trabalho, já para Aristóteles o trabalho era considerado inferior a atividade pública.

O Ocidente Clássico também contribuiu com duas concepções sobre o trabalho, o trabalho intelectual que foi destinado às pessoas das classes superiores e a cargos de chefia que possuíam o poder de ditar ordens e organizar o movimento do trabalho e o trabalho braçal, destinado somente às classes inferiores, assumindo uma visão degradante, inferior e desgastante.

Na Idade Média, com a ascensão da Igreja Católica, o trabalho passou a ser desempenhado a partir de concepções com formações religiosas. Acreditava-se que quanto mais duro se trabalhava, mais era provado o merecimento da graça divina.

A partir do surgimento do capital na modernidade, o trabalho começou a ser vinculado a uma atividade remunerada e as ideias do taylorismo-fordismo foram implementadas, como a administração científica e a cadeia de montagem. Almejando a substituição de métodos tradicionais da experiência pela ciência, também priorizando a entrada das máquinas no processo do trabalho – com o advento da Revolução Industrial no século XVIII e XIX – e posicionando o trabalho humano em um segundo plano.

Com o advento do capitalismo e a inserção das máquinas, o trabalhador passou a entender que a venda da sua mão de obra consistia no único modo de sobrevivência no pouco espaço no mercado de trabalho. O trabalho, então, foi resumido a mercadoria e a um instrumento de alienação, possuindo um caráter humilhante, monótono e submisso.

É no início do capitalismo que a carga horária de trabalho passa a ser intensificada chegando a 12, 14 e até mesmo 16 horas por dia e exigindo maior produtividade. Neste período, registram-se também os maiores índices de desgastes físicos, promiscuidades, acidentes de trabalho, doenças graves e as mais altas taxas de mortalidades.

“O século XX foi o pontapé inicial para a substituição do trabalho de um modelo taylorista-fordista para um padrão mais flexível” (Antunes, 2000; Harvey, 2000). O trabalho passa a assumir novamente a nomeação de trabalho intelectual, levando em conta não somente a especialização e o modelo detentor de ordem, como também o crescimento da tecnologia.

A ciência desencadeou pesquisas nas áreas alimentícias, automobilísticas, de agricultura e possibilitou o aprofundamento na nova indústria de computadores, o que contribuiu para um papel importante no mercado de trabalho, tornando-se o que hoje nomeamos de informatização.

Esse processo de inserção da informática contribuiu positiva e negativamente para o trabalho, pois mesmo possibilitando uma considerável quantidade de conhecimentos e agilidade no desempenho da atividade, aliada a diversos fatores, como a economia do país, também contribuiu para a falta de espaço no mercado trabalhista.

O aperfeiçoamento da informática também proporcionou o declínio do trabalho manual, ou seja, o trabalhador que antes desempenhava diretamente uma atividade designada passou a ser somente um auxiliar de uma máquina. Construções de casas, colheitas no setor agrícola, plantações, são exemplos de setores nos quais o trabalho manual foi perdendo espaço para as máquinas.

Na contemporaneidade, a informática se constitui muito mais que só produções maquinárias e ganha espaço na tecnologia da informação, com um lugar privilegiado no mercado de trabalho e com um valor considerável para setores mais influentes da sociedade, já que possui um menor custo em relação a contratação de pessoas para o desempenho da mesma atividade.

Em meio a toda mudança do trabalho, o trabalhador foi obrigado a implicar-se em novos métodos de conhecimento, bem como às relações pessoais e com a tecnologia, modificando sua rotina, contribuindo, por um lado, positivamente ao seu trabalho, como por exemplo, ao poupar o sujeito de um trabalho de grande esforço físico que poderia implicar em possíveis riscos de vida.

Contudo, o exposto também a situações nas quais uma grande maioria não se encontrava preparado para vivenciar. O que de alguma maneira, repercute para um processo de sofrimento psíquico, que por sua vez, necessita ser visto com atenção.

### **3. O NASCIMENTO DA PSICODINÂMICA DE DEJOURS**

Os primeiros estudos a partir da concepção da Psicodinâmica do Trabalho - PDT foram construídos nos anos 70, pelo médico francês, com formação em Psicanálise e Psicossomática, Christophe Dejours. Professor do *Conservatoire National des Arts et Métiers*, Dejours passou 30 anos estudando a vida psíquica no trabalho e as estratégias de enfrentamento contra o adoecer.

Mesmo com o início dos estudos em meados dos anos 70, a consagração da abordagem só aconteceu nos anos 90 com a transformação da chamada Psicopatologia do Trabalho que centralizava seus estudos no processo saúde-doença em Psicodinâmica do Trabalho e concentrou-se em discussões sobre o sofrimento e o adoecimento psíquico.

Debruçou-se a estudar as relações dinâmicas das organizações do trabalho e os processos de subjetivação dos seus trabalhadores. “Propondo uma análise dos processos psíquicos mobilizados no encontro entre o sujeito e a organização do trabalho” (Mendes,

2007; Molinier, 2008), mas sem dispensar as reflexões a partir da psicopatologia do trabalho e da psicanálise.

A partir das discussões realizadas Dejours dividiu a PDT em quatro etapas, a primeira delas iniciada nos anos 70, concentrando-se em estudos sobre o sofrimento psíquico e as transformações de acordo com o psiquismo e a organização de trabalho. A segunda em meados dos anos 80, com um estudo da saúde, do prazer e análise dos mecanismos utilizados pelo trabalhador para tornar o trabalho saudável, nomeado de estudo das estratégias defensivas.

A terceira etapa preocupou-se em estudar o trabalho na construção da identidade do trabalhador, utilizando das pontuações de Habermas (1989, 1991) sobre a teoria comunicacional. Em sua quarta etapa, a psicodinâmica do trabalho continuou seu processo para se tornar uma abordagem científica que é capaz de explicar efeitos do trabalho sobre a subjetividade, as doenças sociais e psicológicas e a saúde do trabalhador.

Os estudos da PDT também propiciaram a criação de categorias de relação para embasar a sua teoria: organização X trabalhador, dentro delas, as três premissas fundamentais são: a organização do contexto do trabalho; condições de trabalho; relações de trabalho; e ainda, a mobilização subjetiva do trabalhador – composta por vivências de prazer e sofrimento – estratégias defensivas e espaço para discussão coletiva.

Estas duas categorias – diferente das primeiras quatro etapas de estudos da PDT – também englobam a sublimação, a ressonância simbólica, a ressignificação do sofrimento e identificação do trabalho subjetivo que serão explicadas no decorrer das discussões.

A psicodinâmica ao longo dos anos ganhou traduções a partir de estudos como Lancman & Sznalwar, no Brasil, no ano de 2004, como também contribuições para o aperfeiçoamento dos estudos, como o que foi proposto por Mendes (2012) que seguiu os estudos acerca da abordagem e propôs os três eixos norteadores.

Esses eixos atualmente direcionam os estudos da psicodinâmica e são formados pela: organização do trabalho, o modo de trabalhar e as patologias. Vale salientar que Mendes (2012), trabalhando sobre a sua perspectiva de corroborar o que foi dito pelo grande estudioso da psicodinâmica do trabalho, explana e enfatiza o real dentro da organização, ou seja, do que é vivenciado e não do que se propõe em ideia.

Já que para Dejours (2004) o trabalhador só revela sua real resistência ao saber-fazer quando se depara com o real processo de trabalho e não o que é em teoria construído. Portanto, para que se possa estudar o nascimento desse sofrimento e o modo como o trabalhador lida com ele, é necessário que ele esteja imerso a realidade do desempenho do trabalho.

Desta forma, a contribuição de Dejours é considerada indispensável quando o assunto é o processo de adoecimento psicológico do trabalhador, já que proporciona a Psicologia do Trabalho um operador para compreensão dos processos que dizem respeito a saúde mental ou patologias, procurando, acima de tudo entender as questões imateriais, como o sofrimento psíquico.

#### **4. A PDT E A RELAÇÃO PRAZER-SOFRIMENTO NO TRABALHO**

A Psicodinâmica trabalha sob a luz da Psicanálise e contribui para o entendimento do trabalho, sendo parte presente no centro da Psicologia, exatamente como a sexualidade – evidenciada por Freud na abordagem psicanalítica –, portanto, não se tornando neutra diante da saúde mental.

Dejours (1996) acredita que as relações de trabalho dentro das organizações despojam o trabalhador de sua subjetividade. O homem-atividade é vítima do seu trabalho que exige dele a capacidade de gerenciamento tanto das informações externas, que advém das organizações de trabalho, quanto as internas como: instintos, pulsões, inveja, desejo.

A partir do momento em que o homem não consegue mais organizar todos os seus instintos e necessidades exigidas pelo trabalho, uma energia pulsional – pressão ou força exigida do aparelho psíquico, sobre ou para algum objeto – é acumulada e o trabalhador passa então a vivenciar o sofrimento psíquico.

O sofrimento pontuado por Dejours (1994) complementa e dá maior significado para o que foi dito por Freud nos seus estudos de 30 nos quais o autor discorre que o sofrimento ameaça três direções, o próprio corpo, o mundo externo e os relacionamentos com os outros. Entendendo assim, que o sofrer é antes de tudo um sofrimento do corpo e que está em um mesmo momento engajado em as relações e com o outro.

Esta perspectiva também ratifica o que foi pontuado por Guareschi & Grisci (1993), que discorre o sofrimento psíquico diferente do físico, na perspectiva que caracteriza o físico como algo visível e o psíquico não, e por não ser visível, seria evidenciado de uma forma

particular, ganhando notoriedade somente quando as condições externas excitam as relações infantis do sujeito e provocam a comparação com a realidade atual.

É na vivência desta comparação que o sofrimento psíquico se torna consciente e intensificado, à medida que dentro dessa realidade do sofrer – ou seja, do entendimento que a fantasia se diferencia da realidade da organização – o sujeito passa a uma incansável busca pelo prazer, almejando encontrar o equilíbrio dentro da organização.

Esse processo de busca ao equilíbrio é o começo da construção de uma defesa contra o sofrimento. Dejours (1996, p. 198-199) nomeia esse processo de defesa de normalidade enigmática e mais à frente de compromisso.

O compromisso, nada mais é, que uma contribuição do sujeito para a própria conservação, uma luta do corpo contra o adoecer e do espírito contra a loucura, provocando o que foi nomeado pelo criador da PDT de racionalidade pática (*phatique*), ou em outras palavras racionalidade subjetiva.

Em outras palavras, o trabalhador consciente de que a realidade vista nas organizações se diferencia com o que foi criado em sua ideia, vai assumir a construção da sua primeira defesa contra o processo de sofrimento, colocando-se à disposição da organização para a realização do que é proposto por ela e ao mesmo tempo buscando respostas de como se encontrar nesse novo espaço.

Entretanto, vale salientar, que a construção dessa defesa, mesmo sendo uma procura para cessar o sofrimento, não significa uma vivência de prazer, ela é somente uma estratégia defensiva, ou seja, o trabalhador mesmo nesta procura ainda não atinge o equilíbrio que tanto preza.

“O prazer no trabalho, vai além de uma estratégia defensiva, ele é um estado de bem-estar psíquico que o trabalhador conhece quando seu trabalho satisfaz seus desejos de reconhecimento, permitindo-lhe assim construir sua identidade”. (Alderson, 2004, p. 254).

É a partir da ideia de construção de identidade e do processo que o sujeito precisa se integrar para esta realização, que a psicodinâmica foca os seus estudos, ou seja, é através dos estudos sobre as estratégias defensivas que a PDT vai explicar a capacidade subjetiva de cada trabalhador para lutar contra o sofrimento psíquico.

A PDT entende a importância do estudo das patologias, contudo conclui que nada pode ser feito se o foco da sua abordagem continuar somente nesta temática. É desta forma,

que nasce conceitos como a sublimação, estratégia defensiva que diferente de Freud (1908) com sua sublimação intrapsíquica, vai se apropriar de uma estratégia de enfrentamento para a transformação do sofrimento em prazer, coletivamente, consciente, e a partir de uma inteligência astuciosa e prática.

A especificidade da coletividade da sublimação faz com que o sujeito dependa de outras questões para que possa ser colocada em prática, sendo elas, a ressonância simbólica e o espaço público de discussão coletiva.

Ressonância simbólica é o processo complexo que dificulta ainda mais a sublimação desse sujeito dentro da organização, ocorrendo a partir da compatibilidade entre as representações simbólicas do sujeito, os investimentos pulsionais e a realidade do trabalho.

Portanto, para que ela aconteça é necessário que o trabalho tenha um sentido para o sujeito, mais especificamente que ocorra em uma relação com base na sua história de vida. Se concretizando somente a partir da reconciliação entre o inconsciente e os objetivos da produção.

O espaço público de discussão é o elemento que coopera e impulsiona o processo de ressonância, colocando os sujeitos em movimento de busca a mecanismos de transformações, ou seja, propondo ao sujeito a abertura de um diálogo para a tentativa de resolução às questões que passam a prejudicar o desempenho do trabalho.

São esses dois conceitos que caracterizam a trajetória do sujeito em busca do prazer, contudo, partindo do entendimento que as organizações possuem uma gama de ideais, projetos e possibilidades diferentes, os conceitos supracitados podem ser consideravelmente sabotados pelas organizações.

Desta forma, espera-se ainda mais do sujeito, solicitando a sua capacidade a utilizar-se de outros recursos, como é o caso da inteligência operatória, conceito criado por Dejours & Abdoucheli (1990), que diz respeito às percepções e intuição do trabalhador caracterizada pela constante quebra de regras e normas.

A inteligência operatória faz o trabalhador promover um ajuste entre as relações já existentes e os obstáculos que são criados pela organização. “O sujeito cria a sua mobilização subjetiva” (Dejours, 1992), construindo uma relação da sua inteligência operatória e do espaço de discussão, ao mesmo tempo que se torna dependente da dinâmica de contribuição-retribuição simbólica, ou seja, dependente do reconhecimento.



É todo esse processo que proporciona ao sujeito a incansável busca de si mesmo dentro da organização. O sujeito entende que o equilíbrio na organização nada mais é que o encontro de si na atuação que ele desempenha, mas que para isso ele precisa estar preparado para utilizar-se de recursos internos, aliados a um apoio da instituição – o reconhecimento – e que tudo isso deve ser resultado da sua relação com o compromisso a sua organização.

Não raro, os recursos aqui apresentados não conseguem ser colocados em prática até o final de todo processo, é por isto que a psicodinâmica também desenvolve seus estudos sobre a ideia que o trabalho não vai ser totalmente adoeedor e muito menos prazeroso por completo e sim um conjunto de subjetividades aliadas a normas, regras e responsabilidades que estão sujeitas a erros e acertos.

Portanto, as vivências de prazer e sofrimento não devem ser estudadas separadamente dentro das organizações de trabalho e precisam ser revistas e aprofundadas a partir da fala dos trabalhadores, dos seus discursos manifestos, latentes e em uma análise do que é expresso por eles.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este breve estudo proporcionou a oportunidade de conhecer a relação de prazer-sofrimento psíquico dentro das organizações de trabalho. Contribuindo para além de uma discussão única, já que iniciamos as discussões a partir de um processo histórico do trabalho e o nascimento da psicodinâmica, na tentativa de construir uma linha de pensamento para o processo da temática em questão.

Compreendendo a partir dos estudos discutidos que o sofrimento psíquico do trabalhador pode partir do medo de não ser capaz de desempenhar o trabalho de forma adequada, ao mesmo tempo de não estar verdadeiramente à altura das novas exigências, como o tempo, a formação, a informação, experiência e principalmente a cultura e a ideologia da organização.

Nesse contexto e com o processo de criação das nomeadas estratégias defensivas do sujeito contra o adoecer que a psicodinâmica construiu seus estudos, revestindo-se da importância da temática para a atualidade no contexto do trabalho. Entendendo, por conseguinte a relevância para o profissional da Psicologia que atua nas organizações ou que trabalha esse sofrimento em sua clínica.

## REFERÊNCIAS

- Bouyer, G. C. (2010). Contribuição da Psicodinâmica do Trabalho para o debate: "o mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador". *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 35(122), 249-259. <https://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000200007>.
- Brant, L. C., & Minayo-Gomez, C. (2004). A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1), 213-223. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232004000100021>.
- Ferreira Rodrigues, P., Leandro Teixeira Alvaro, A., & Rondina, R. (2006). Sofrimento no trabalho na visão de Dejours. *Revista Científica Eletrônica De Psicologia*, IV(7), 1-8. Retirada de [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/lh21plieajxlwck\\_2013-5-1015-30-2.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/lh21plieajxlwck_2013-5-1015-30-2.pdf).
- Ghizoni, L. D., Medeiros, S. N., Carvalho, G. M., Moraes, R.D., Santana, P. M., & Magnus, C. N. et al. (2014). Clínica psicodinâmica do trabalho: a prática em diversos contextos de trabalho. *DESAFIOS: Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantis*, 1(1), 74-94. doi: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2359-3652.2014.v1n1p74>.
- Macêdo, K. B., & Bueno, M. (2012). A clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras. *Ecos*, 2(2), 306-318. Retirado de <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1010/723>.
- Macêdo, K. B & Bueno, M. (2016). *A sublimação: a lente da psicanálise e da psicodinâmica do trabalho*. [online] Docplayer. Disponível em: <https://docplayer.com.br/26218602-A-sublimacao-a-lente-da-psicanalise-e-da-psicodinamica-do-trabalho-autores-dra-katia-barbosa-macedo-professora-titular-da-pontificia-universidade.html> [Acesso 10 Ago. 2018].
- Roik, A. & Pilatti, L. A. (2009). *Psicodinâmica do trabalho: Uma perspectiva teórica*. [online] Abepro.org.br. Disponível em: [http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009\\_tn\\_sto\\_105\\_696\\_14074.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_tn_sto_105_696_14074.pdf) [Acesso 7 Set. 2018].
- Martins, José Clerton de Oliveira, & Pinheiro, Adriana de Alencar Gomes. (2006). Sofrimento psíquico nas relações de trabalho. *Psic: revista da Vetor Editora*, 7(1), 79-85. Recuperado em 20 de dezembro de 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167673142006000100010&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167673142006000100010&lng=pt&tlng=pt).
- Merlo, Á. R. C. & Lapis, N. L. (2007). A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), 61-68. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100009>.